

DONA BENTA: UMA PERSONAGEM, VÁRIAS LEITURAS

Maria Silmara Saqueto Hilgemberg (UNICENTRO)

Regina Chicoski (UNICENTRO)

RESUMO:

As obras literárias infantis podem conter apenas uma “historinha” pelo olhar de um leitor leigo e ingênuo. No entanto, ao serem expostas a um olhar atento e à sensibilidade crítica de um leitor mais ativo, constituem-se em relevante material de análise, de crítica e reflexão. Com este último intuito, este trabalho se propõe a fazer várias leituras de uma mesma personagem, conhecida pela maioria das crianças e adorada, pode-se dizer, unanimemente por elas: Dona Benta, do Sítio do Pica-pau Amarelo. Enfocamos, então, três possíveis leituras: dona Benta: espelho de Lobato; dona Benta: quebrando os paradigmas do gênero e dona Benta: a vovó contadora de histórias. A partir daí procuramos analisar, questionar e discutir algumas características marcantes da personagem no contexto da obra, bem como relacioná-la ao contexto atual, percebendo as relações que propiciam reflexões e diversas leituras. Estudar a obra de Lobato, hoje, permite fazer comparações entre duas épocas distintas: a época em que a obra foi escrita e o contexto atual, percebendo que o Sítio do Pica-pau Amarelo está arraigado em nossa cultura e que, por isso, é importante ler criticamente as ideias contidas em suas histórias.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Monteiro Lobato, Dona Benta.

1.INTRODUÇÃO

Um bordado por terminar, a preferência pelo silêncio e tranquilidade, a incompreensão pela inquietude das crianças, uma senhora gordinha, sentada na poltrona, de chinelas e pijama, falando de lembranças e ignorando o contexto atual... Não é assim que se imagina uma vovó?

Em se tratando da personagem criada por Monteiro Lobato, Dona Benta, a figura da avó quebra todos os paradigmas citados por aí, numa versão, diga-se de passagem, melhorada de uma vovó.

A personagem lobatiana é inserida nas histórias de maneira a revelar muitas mulheres em uma só: a senhora sedenta de cultura, de informação e de novidade; a mulher coragem que administra sozinha seu sítio, em uma época em que predominava a voz e a vez masculinas; uma vovó capaz de proporcionar férias inesquecíveis aos seus netos, sem “podar” suas

fantasias infantis e sua imaginação; uma sábia contadora de histórias, que tem em seu poder todas as técnicas e artimanhas para prender a atenção e inculcar valores às crianças.

Este trabalho, portanto, tem o propósito de desvelar as várias faces de Dona Benta, discutindo aspectos que julgamos relevantes para a compreensão das obras de Monteiro Lobato e para a própria caracterização da personagem em questão.

Para isso, respaldaremos nosso trabalho em autores que apontam ideias importantes no trabalho com a literatura infanto-juvenil, tais como: Abramovich (1994), Flores (2001), Turchi (2002), Machado (2004), Khéde (s.d.), Ataíde (1995), Silva (2008), entre outros que se fizerem necessários.

1. Monteiro Lobato: o criador de Dona Benta

Monteiro Lobato é, sem dúvida alguma, um “divisor de águas” no que diz respeito à literatura infantil brasileira, antes dele a literatura voltada para crianças tinha como objetivo principal, o caráter pedagógico que se caracterizava por obras que tinham por intuito doutrinar a criança, a leitura era imposta, tida como obrigatória.

Muito diferente disso surge Lobato, o primeiro autor a ver no leitor o elemento fundamental, a enxergar a criança como “ser pensante” capaz de, por si mesma, questionar, repensar sua realidade e conseqüentemente contribuir para possíveis mudanças.

Suas obras também se voltavam para o pedagógico, porém de uma forma mais livre, sem tanta cobrança ou imposição de regras, pode-se dizer que ele “ensina brincando”, afinal como ele mesmo defende: “não existem barreiras entre o real e o imaginário”, o conhecimento em suas obras se dava acima de tudo por meio da prática.

Há com Lobato, uma ruptura de padrões convencionais, ele não “mascara” a realidade, pois para ele não é iludindo que se forma e se conquista uma criança, dizia ainda não haver assunto só para adulto e assunto só para criança, qualquer assunto poderia ser tratado desde que acompanhasse o desenvolvimento da criança.

Lobato ainda teve papel fundamental na propagação do texto literário, pois foi ele quem revolucionou e modernizou a indústria editorial em nosso país ao dar enfoque às condições de produção, distribuição e consumo, já que atuou como escritor e editor, podendo ter assim percepção dos dois lados.

Era um amante convicto dos livros, para ele a leitura devia ser acima de tudo algo prazeroso, o livro deveria fascinar a criança. Por tal motivo buscava incansavelmente trazer a fantasia, o mundo da imaginação cada vez para mais perto da realidade da criança, para que

ela assim pudesse se imaginar dentro do livro, “(...) um livro é todo um mundo (...). Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar”. (LOBATO, 1944 p. 92)

Monteiro Lobato é um ícone da literatura brasileira, é aquele que será ainda por muito tempo lembrado como o homem que deu a literatura infantil um novo rumo, que formou e ainda forma, através de suas obras, cidadãos conscientes, capazes de questionar e repensar sua realidade e tudo isso de uma forma simples e livre como brincadeira de criança.

2. DONA BENTA: UMA PERSONAGEM, VÁRIAS LEITURAS

2.1. Dona Benta: espelho de Lobato

Ao revisar a literatura percebemos que José Bento Monteiro Lobato foi um homem à frente de seu tempo, acreditava na educação para resolver os problemas sócio-político-econômicos do país. Segundo TURCHI (2002, p.65), “a preocupação constante de incentivar no indivíduo a liberdade de pensamento e de ação inserem-se na linha de frente do pensamento lobatiano”

Com o ensejo de levar ao seu público os seus ideais, seus anseios de melhorar a educação e difundir, através de suas obras, os seus pensamentos, o escritor cria a personagem Dona Benta, personagem esta que em muitos aspectos assemelha-se e revela uma projeção do próprio Lobato. A semelhança começa pelo nome Benta, feminino de Bento, e vai até a personalidade, os pontos de vista e a tentativa de construir uma literatura capaz de situar a criança em seu próprio mundo, por meio da contação de histórias.

SILVA (2008, p.120), afirma que:

Em Dona Benta podemos ver uma projeção de Lobato, o seu lado sóbrio, sábio e bem comportado, projeção já sugerida a partir da identidade dos nomes José Bento/ Benta (...). Como a boa senhora, Monteiro Lobato também tinha um lado simples e o outro erudito. Proprietário rural e amante dos livros como Dona Benta, era aberto a todas as áreas do saber e, mais do que isso, era uma pessoa que fazia circular o conhecimento, empenhando-se em partilhar suas descobertas e leituras e fazia isso não só com seus pares, mas principalmente com os leitores em formação. Leitores que formam leitores, eis uma boa definição para Lobato e Dona Benta.

Assim como Lobato, Dona Benta é capaz de enxergar o mundo pelo olhar da criança. Assim, no momento de contar histórias aos seus netos, a personagem despe a linguagem de adornos desnecessários, abdica o autoritarismo do adulto e fala à criança, deixando aflorar a imaginação, o faz-de-conta. A leveza e a sabedoria de Dona Benta fazem dela o instrumento

perfeito para Lobato falar pela voz da personagem, encontra nela a solução para a “necessidade de oferecer-lhes (às crianças) histórias escritas numa linguagem objetiva, clara, acessível, o mais próxima possível do registro coloquial” (SILVA, 2008, p.108).

De maneira simples, a vovó do Sítio do Pica-pau Amarelo incutia em Pedrinho, Narizinho e Emília o gosto pela literatura, a necessidade de adquirir e expandir o conhecimento, sem cortar o interesse, o prazer e a criticidade das crianças no momento dialógico do contar histórias. Pode-se dizer, então, que a narradora vai ao encontro dos interesses do autor, uma vez que se comporta de maneira semelhante ao próprio Lobato, como se falasse por ele. SILVA (2008, p. 105), afirma que ao criar o Sítio do Pica-pau amarelo:

Lobato transforma o sítio de Dona Benta em uma nova modalidade de escola, que leva aos jovens leitores o conhecimento curricular pela via da ficção e retira o peso autoritário de seu mediador, não mais o professor severo, mas a avó amiga, inventando, assim, o que se poderia denominar, usando a expressão de Barthes, ‘o saber com sabor’

Comprendemos, assim, que não foi em vão que Lobato criou a personagem Dona Benta, mas criou-a com a intenção de revelar suas próprias ideias. Pretensioso, o escritor o fez em plena época em que a opinião masculina sobrepunha-se à feminina, num momento em que as mulheres não tinham voz, o escritor possibilitou que Dona Benta “falasse” em seu lugar, revelando muitos conhecimentos e propagando valores por meio da personagem. Fazendo isso, segundo SILVA (2008), o dogmatismo pôde ser substituído pela experimentação e conceitos abstratos eram transformados em vivências concretas, mais do que ensinar conteúdos, os livros infantis da turma do sítio ensinam os seus leitores a pensar, a questionar, a tirar conclusões.

Narradora de muitas histórias de Lobato, Dona Benta foi antes de tudo a porta-voz do escritor, a mediadora de suas ideias. Empenhada por ensinar as crianças, a vovó valia-se de uma linguagem simples, fácil de ser apreendida, usava o vocabulário dos netos para ensinar-lhes as ciências, para explicar-lhes fenômenos que ocorriam no cotidiano, assim, enquanto a Tia Nastácia sabia explicá-los pelo seu senso-comum, Dona Benta mostrava o lado científico das coisas: “A pobre da Tia Nastácia, quando vai assar um frango, recorre a uma porção de ciências, embora não o perceba” (LOBATO, 1994, p.10).

Como exemplos de obras em que aparece a figura de Dona Benta como narradora, temos a obra *Serões de Dona Benta* (1994), quando a personagem percebe que os meninos andavam muito curiosos, querendo saber mais sobre as coisas, para sanar essas dúvidas sem

recorrer aos livros científicos, Dona Benta resolve ensinar física à molecada de um modo bem simples e direto. Exemplificando, usamos a passagem em que Emília deixa cair um copo de água na mesa e pede um pano em seguida, Dona Benta explicava cientificamente o que a boneca faria: “Você sabe de um modo prático uma coisa que na física se chama capilaridade. O pano é feito de algodão, cujas fibras desse fenômeno da capilaridade, absorvem chamam para si a água. (LOBATO, 1994, p.11).

Outra obra em que a figura da personagem como narradora é fortemente notada é *História do Mundo para Crianças* (ano) em que Dona Benta faz um apanhado da evolução humana e da história da humanidade, das cavernas a Hiroshima, o percurso do homem é relatado de forma romanceada, prendendo a atenção de todos.

Em *Dom Quixote das Crianças*, Dona Benta começa a leitura da obra para os meninos, mas eles tropeçam no estilo do autor, muito rico e meio difícil. A paciente senhora decide, então, interromper a leitura e conta a história com suas próprias palavras. Contada por Dona Benta, a história é bem mais acessível à compreensão das crianças.

Em *Geografia de Dona Benta*, depois que a narradora conta a história do mundo para as crianças, Pedrinho pediu que contasse mais e então ela fala das viagens pelos países estrangeiros, ensinando-lhes a geografia. Nesta obra percebe-se nitidamente a questão do petróleo no Brasil, quando muitos queriam escondê-lo a qualquer custo, enquanto Lobato, através da voz de Dona Benta afirmava, nas entrelinhas, que o petróleo devia ser explorado.

Em *História das invenções*, Dona Benta resolve contar uma longa história para as crianças: “a história das invenções”, como surgiram os aviões, o telefone, as hidrelétricas, batedeira de bolo e até mesmo a invenção da Terra e do homem.

Em *A chave do tamanho*, por sua vez, Dona Benta narra os horrores da guerra, uma tristeza enorme havia tomado conta do Sítio do Pica-pau Amarelo, outrora tão alegre e feliz até que Emília teve ideias de se meter numa louca aventura que quase pôs fim à humanidade inteira.

Em todas as obras supracitadas e em outras tantas do escritor Monteiro Lobato, a personagem de nosso estudo expande o conhecimento que possui de uma forma singular, falando “a língua das crianças”, o que se comprova no discurso de Emília: “A ciência de que gosto é a falada, a contada pela senhora, clarinha como água do pote, com explicações de tudo quanto a gente não sabe, pensa que sabe, ou sabe mal-e-mal” (LOBATO, 1994, p.10).

Por toda a cultura que Dona Benta transmite, pelo seu ar jovial de quem tem muito a oferecer e pela valiosa contribuição à ciência pode-se dizer que a personagem é um espelho de Lobato.

2.2. Dona Benta: quebrando paradigmas do gênero

Anteriormente citamos que Dona Benta pode ser considerada um espelho de Lobato. Outro bom motivo para reafirmar tal pressuposto é o fato de a personagem, assim como o escritor, quebrar certas atitudes convencionais da sociedade, como o fato de ser mulher no contexto em que as obras lobatianas foram publicadas e ser extremamente ativa, independente e forte em suas ações e no seu discurso.

Dona Benta pode ser considerada uma mulher coragem, uma vez que Monteiro Lobato lhe deu condições para isso, criando, em plena época em que mulher e negros eram muito mais menosprezados do que hoje, uma personagem de garra, de sabedoria para administrar, sozinha, seu sítio e ainda quebrar a regra de que “lugar de mulher é no fogão”. Nas palavras de SILVA (2008, p.110):

Dona Benta é a projeção desse Lobato leitor. No sítio do Pica-pau Amarelo, o ambiente onde encontramos Dona Benta não é a cozinha, com seu fogão caipira, é a sala, com sua estante de livros e sua cadeira de pernas serradas, onde ela senta para compartilhar leituras com os netos.

Por meio de seu discurso e de suas atitudes, a personagem representa a mulher culta, educada e, além disso, independente, uma vez que é ela que toma conta do sítio, que resolve todas as situações-problema. Em épocas em que o conceito de gênero como diferença sexual encontrava-se no centro da crítica de representação, Monteiro Lobato cria Dona Benta para quebrar paradigmas e confrontar conceitos pré-estabelecidos.

Ainda segundo SILVA (2008, p. 115): “Mesmo para o leitor de hoje, parece surpreendente a predominância feminina no mundo criado por Lobato. Dona Benta administra a propriedade, o lar, a família, sem depender da ajuda ou interferências masculina.” Com esta afirmação, podemos concluir que hoje ainda encontramos resistência em admitir que uma mulher pode ser independente, imagine então na época em que Lobato inovou a literatura, colocando a figura da mulher em supremacia.

Dona Benta afasta-se bastante do protótipo de dona de casa do tempo do seu criador, pois, em vez de a vermos costurando, cozinhando ou bordando, sempre a encontramos escrevendo cartas, lendo jornais ou livros, ou então, escutando as últimas notícias do país e do exterior, equiparando-se às mesmas condições dos homens: “Dona Benta já vem coronel; está escrevendo uma carta para a mãe de Pedrinho” (LOBATO, 1994, p. 102).

Fato que nos intriga é que o preconceito abafado pela coragem de Dona Benta no contexto em que as obras lobatianas foram escritas, é revelado agora, em tempos em que artigos, estudos e livros propagam a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Não são preconceitos escritos explicitamente para todo mundo entender, mas são discursos mascarados que revelam conceitos pré-concebidos, ideias simplistas que demonstram resistência em aceitar a mudança, o novo, os direitos iguais. Para comprovar nossa argumentação, faremos uma comparação entre Dona Benta e Tia Nastácia e valemo-nos das afirmações de ATAÍDE (1995, p. 47):

Nas histórias de Tia Nastácia, ela é entendida como povo e, como tal, sabe tudo o que o povo sabe. Há uma sabedoria natural, uma sabedoria de vida de que é detentora. Tia Nastácia resulta de uma percepção da própria realidade brasileira. Culturalmente, ela é legítima por representar uma fatia ponderável do modo de ser nacional. (...). Muito pior é o que acontece fora do livro de Monteiro Lobato. Qualquer leitor de estórias sabe que Tia Nastácia é uma grande cozinheira. Mas os livros que os escritores brasileiros publicam sobre culinária traz, na capa, o nome de Dona Benta – tudo o nome da branca, da proprietária. A que não sabe cozinhar, nas estórias.

É importante enfatizar que não nos aprofundaremos na discussão de preconceitos raciais, daremos continuidade ao estudo da personagem Dona Benta, como mulher culta e independente. No entanto, é válido ressaltar que a época em que as obras lobatianas foram publicadas coincidiu com o período escravocrata, Lobato não se aprofundou nas questões relacionadas às raças, somente descreveu as relações como elas realmente eram, se foi uma indiferença à discriminação aos negros ou um ponto de vista diferente aos nossos, não o sabemos. O que compreendemos é que hoje, depois de tantas lutas travadas, de tanta problematização sobre o assunto, percebemos um discurso preconceituoso e descabido tanto em relação ao preconceito racial como ao feminino.

Afinal, o fato de ser a Dona Benta a aparecer na capa dos livros de culinária, significa que uma negra não tem vez ainda nos nossos dias ou então que é impossível perceber outras qualidades numa personagem feminina que não seja a de boa dona de casa?

De qualquer forma, acreditamos que é uma maneira de demonstrar o preconceito, de inculcar, por meio da mídia, ideias de que a mulher deve sempre estar relacionada à casa, ao trabalho doméstico, ou seja, ela deve ser prendada, boa esposa, boa dona de casa.

Daí a importância de mostrar às crianças as obras de Monteiro Lobato, para possibilitar a elas o contato com a verdadeira Dona Benta, a vovó coragem, a contadora de histórias, a mulher sábia e conhecedora do mundo e, também, discutir as referências feitas à

Tia Nastácia, despertando a criticidade, fazer como Lobato ensinou: a levar em consideração o ponto de vista do leitor, agora em suas próprias obras, afinal a literatura pode ser uma ferramenta importante na desconstrução de paradigmas e conceitos ditados pela sociedade, como o preconceito racial e a desvalorização feminina, que se demoram a sair de cena na vida real.

2.3. Dona Benta: a vovó contadora de histórias

2.4.

A primeira apresentação que Lobato fez de sua personagem Dona Benta, em sua obra intitulada “Reinações de Narizinho”, que deu início às histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo, no primeiro parágrafo foi a seguinte:

Numa casinha branca, lá no Sítio do Pica-pau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:
- Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto. (LOBATO, 1945)

Quem lê este trecho e não dá continuidade à leitura ficará com a impressão de uma senhora de idade, sem expectativas, sem grandes emoções, mas engana-se, pois Dona Benta é apresentada no restante desta obra e em todas as demais obras lobatianas como uma vovó cheia de energia, que dá importância e ainda incentiva a fantasia e a imaginação infantil.

Machado (2004) afirma que ocorre uma estereotipação das personagens das histórias, são como uma casca sem aparência do que realmente são. Lobato vai quebrar esta ordem com a representação de Dona Benta. Para melhor compreender esse conceito de estereotipação, usamos o conhecimento de Abramovich (1994, p.39), que demonstra como seria a estereotipação de uma avó:

Já o avô ou a avó são invariavelmente velhos, quase anciões. E por estarem em tão adiantado estágio da vida, seu cansaço é de tal ordem que se apresentam sempre sentados (...). Podem estar de pijama, com chinelas (...) raramente saem à rua, raramente andam, pouquíssimo se movimentam pela própria casa (...) e mais se lembram do que vivem. E mais escutam do que discutem. Se falam é pra contar algo que aconteceu num passado

remotíssimo que faz as crianças ficarem magicamente quietos (não fascinados, ah, isso não)

Dona Benta quebra este estereótipo, caracterizando-se como uma personagem estimuladora da cultura, da fantasia e da imaginação infantil, uma vez que ela incentiva as descobertas e aventuras de seus netos. Além de não “dar bronca” quando as crianças metem-se em aventuras, a vovó ainda ajuda-os a resolverem seus conflitos e perturbações mais íntimas. E ela faz tudo isso de um jeito doce, sem “podar” a criatividade dos netos, na maioria das vezes por meio das histórias contadas por ela.

Para Machado (2004), o ato de contar histórias quebra as relações tradicionais com as crianças, assim uma mãe que passa o dia todo dando ordens às crianças, ao contar uma história é “uma outra voz, que se torna mais tranquila e harmoniosa. É um outro contato humano, num tom mais colorido, divertido, vibrante e misterioso”.

Dona Benta aparece no Sítio Pica-pau Amarelo como uma verdadeira conhecedora do mundo, e está o tempo todo incorporada à personagem contadora de histórias, ou seja, as crianças já a reconhecem como tal, já a caracterizam como a doce vovó que torna suas férias inesquecíveis, por meio das narrações contadas com a entonação certa, o vocabulário acessível às crianças, sem comentar os intrigantes enredos contados por ela. Afinal, quem nunca imaginou passar as férias no sítio de Dona Benta?

Num cenário em que, segundo Flores (2001), a família não fornece o devido incentivo à leitura, a escola, por sua vez, ao invés de formar leitores inibe-os, e a sociedade não tem nenhum interesse em ter cidadãos críticos, Lobato permanece vivo nas prazerosas narrações de Dona Benta, que continuam incentivando o ato de ler com sabor, com prazer, com a mente aberta de criança.

Monteiro Lobato deu a sua personagem Dona Benta os principais ingredientes para que ela pudesse ser cativante, estando em contato com o mundo da criança, deixando evidente a ideia do escritor de que não há assunto somente para criança ou somente para adulto, dessa forma o autor conseguiu alcançar um sucesso inquestionável entre todas as idades. O possível motivo dessa grande aceitação por parte do público pode ser devido à linguagem empregada pelo autor, como podemos notar até mesmo nas narrações de Dona Benta. A respeito disso afirma-se:

O sucesso entre os pequenos decorreu, sem dúvida, de um primeiro e decisivo fator: a realidade comum e familiar à criança, em seu cotidiano, é subitamente penetrada pelo maravilhoso ou pelo mágico, com a mais

absoluta verossimilhança ou naturalidade. (Nelly Novaes Coelho apud ATAÍDE, Vicente, 1995, p.33)

Por meio da linguagem simples que cativa os netos e pelas atitudes espontâneas, corajosas e joviais apresentadas tanto por Dona Benta quanto pela Tia Nastácia, pode-se dizer que as crianças do Sítio não sofrem a presença de um adulto impositor, já que ambas as personagens são exceções do estereotipo do adulto, pois não criticam nem interferem nas brincadeiras e na imaginação infantil.

Esta liberdade proporcionada por Dona Benta pode ser notada até mesmo nos discursos dos próprios netos, na obra *Os doze trabalhos de Hércules*:

Os velhos não entendem os novos"— dizia Pedrinho. "Querem nos governar, querem nos obrigar a fazer exatinho o que eles fazem. Esquecem-se de que se fosse assim, o mundo parava — não havia nada novo... E note-se que vovó não é como as outras velhas. No começo não quer, e opõe-se; mas se realizamos às escondidas alguma aventura, assim que vovó sabe faz uma cara de espanto e de zanga, mas esquece logo a zanga e gosta, e às vezes ainda fica mais entusiasmada do que nós mesmos. (LOBATO)

E Narizinho acrescentou: "Vovó diz que não, só por dizer, porque o tal 'não' sai da boca dos velhos por força do hábito. Mas o 'não' de vovó quer quase sempre dizer 'sim'."

Dessa forma, Dona Benta estabelece uma relação de cumplicidade com os netos, sem que eles temam pela sua bronca e deixem de realizar alguma aventura, pelo contrário, as crianças até se sentem estimuladas a participar de grandes aventuras: "Dona Benta opôs-se a que Pedrinho voltasse à Grécia para tomar parte nas onze façanhas do grande herói, mas opôs-se dum modo que era o mesmo que dizer: "Vá, mas escondido de mim..." e Pedrinho exultou".

Dona Benta não é uma pessoa que somente assiste às invenções e aventuras dos netos, mas é a responsável por sempre estar despertando neles a curiosidade, o conhecimento e a busca por novas aventuras. Uma maneira que ela encontra para aguçar a criatividade, a criticidade e o desejo por conhecer o novo, é por meio de seu incentivo à leitura, como se representa no livro *História do mundo para as crianças* (1933) em que a vovó cita várias fontes onde as crianças poderão adquirir mais conhecimentos:

— Sim, os livros onde os homens de imaginação e cultura fixaram suas idéias. Temos a Enciclopédia Britânica, onde tôda a ciência humana está concentrada. Temos os quadros

das paredes __ a arte. Temos a máquina fotográfica de Pedrinho, que me obriga volta e meia a posar com cara de riso. Temos os jornais que o correio nos entrega todos os dias com as novidades do mundo inteiro.

Por todo esse incentivo que Dona Benta oferece à cultura e pelo incentivo que faz à leitura, podemos afirmar que ela não é uma mera personagem de Lobato, mas é a representação da sabedoria, do conhecimento e do estímulo à fantasia, caracterizando-se, portanto, na mais adorada vovó da Literatura brasileira.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A personagem Dona Benta, criação de Monteiro Lobato, pode ser analisada por diversas leituras, devido à riqueza de seu papel nas obras que envolvem o Sítio do Pica-pau Amarelo. Uma personagem pode ser, como consta neste trabalho, muitas mulheres, que representam muitas coisas para a literatura infanto-juvenil, mas , principalmente, para a realidade das crianças leitoras.

Dona Benta pode ser lida como um espelho de seu criador, por representar o desejo de liberdade de expressão, de propagação do conhecimento e pela sede de transformar as crianças por meio da palavra.

Outra leitura que se torna possível é a Dona Benta como uma mulher coragem, personagem criada em meio a um contexto extremamente machista e que consegue “mandar seu recado” de que lugar de mulher é entre os livros, adquirindo conhecimentos e sendo independente e ativa na sociedade.

Temos ainda a vovó Benta contadora de histórias, fascinada pelas histórias das crianças, instigadora da imaginação livre de “podas”, conhecedora do universo infantil.

É também por todas estas faces de Dona Benta que a literatura de Lobato é um convite a dar asas à imaginação e voltar a ser um pouco criança.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1994.

ATAÍDE, Vicente. **Literatura Infantil e Ideologia**. Curitiba HD livros, 1995.

FLORES, Onice Claro. **Ensino de língua e literatura: alternativas metodológicas.** Canoas/RS: Ed. ULBRA, 2001.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Reinações de Narizinho.** São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. **História do Mundo para as Crianças.** São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. **Geografia de Dona Benta.** São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. **Os doze trabalhos de Hércules.** São Paulo: Brasiliense

_____. **Serões de Dona Benta e História das invenções.** São Paulo: Brasiliense, 1957.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004.

SILVA, Vera Maria Tretzmam. **Literatura Infantil Brasileira: um guia para professores e promotores de leitura.** Goiânia: Cênone Editorial, 2008.

TURCHI, Maria Zaíra e SILVA, Vera Maria Tretzmam. **Literatura Infanto-Juvenil,** Goiânia. Editora da UFG, 2002.